

Designers nas escolas: conversando sobre os desafios do campo profissional em construção

Luana M. Batista, Bianca R. Martins

design, educação, formação docente

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa de mestrado que investiga a atuação de designers como docentes na educação básica, com foco nas implicações da ausência de formação pedagógica específica. A partir de uma abordagem qualitativa, foram realizadas conversas com profissionais atuantes em escolas, buscando compreender seus percursos, desafios e estratégias. Os resultados evidenciam lacunas na preparação para a docência, especialmente no planejamento didático e na gestão da aprendizagem, além de diferentes posicionamentos sobre a necessidade de uma licenciatura em Design.

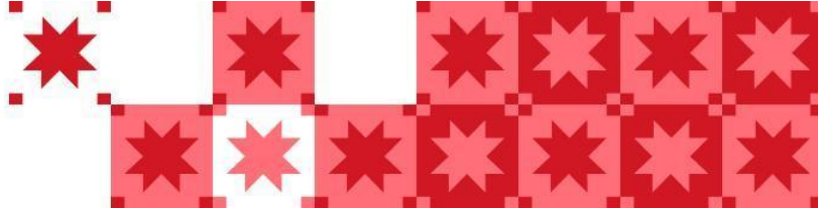
1 Introdução

A atuação de designers no ensino básico pode ser relacionada à recente ascensão da educação tecnológica nas escolas. Este movimento ocorre a partir da integração de conceitos, habilidades e práticas relacionadas à tecnologia em matérias curriculares ou, ainda, com a criação de novas disciplinas. Nesse sentido, é incorporado o letramento digital e o uso de diferentes dispositivos e softwares em contexto escolar. Como apontado por Fontoura (2002), o Design e a Tecnologia como habilidades e como conhecimento, estão intimamente relacionados, sendo difícil dissociá-los. Assim, com a inserção de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem, houve também uma crescente incorporação do Design nesses contextos.

Segundo a Unesco (2023), em seu Relatório de Monitoramento Global da Educação, a tecnologia está mudando a formação dos professores. Ela é usada para criar ambientes de aprendizagem flexíveis, envolver os docentes na aprendizagem colaborativa, apoiar a formação e a mentoria, aumentar a prática reflexiva e aprimorar o conhecimento pedagógico ou da disciplina de estudo. Assim, é uma ferramenta que cada vez mais se faz presente no chão-de-escola, principalmente naquelas em que há disponibilidade de recursos.

Dessa forma, as salas *maker*¹ cada vez ocupam mais ambientes escolares no Brasil. Alguns fatores que explicam esse crescimento são a valorização do uso de tecnologias no ensino, o

¹ Oficina de prototipação, desenvolvimento de projetos e trabalhos manuais.



ensino centrado no aluno e o pensamento construtivista na educação, onde os estudantes desempenham um papel ativo na aprendizagem (FONTOURA, 2002). Esse modelo, então, é percebido como uma possibilidade de quebra do ensino tradicional, tornando possível o protagonismo discente. Segundo Azevêdo (2019), a cultura *maker* contribui no processo de ensino e aprendizagem porque:

[...] fomenta a autonomia, o trabalho colaborativo, incentiva a resolução de problemas, o pensamento crítico, o engajamento dos alunos e o gerenciamento do tempo, possibilitando, dessa forma, o desenvolvimento de habilidades que não são trabalhadas no ensino tradicional. (AZEVEDO, 2019, p. 65-66)

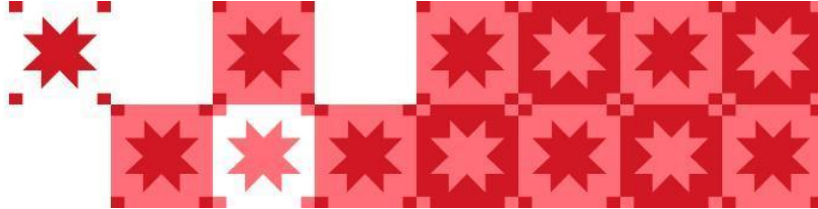
Uma forma eficaz de implementação desses espaços conta com profissionais preparados atuando no ensino e na orientação de uso das diversas ferramentas disponíveis. Apesar de não existir uma formação específica para essa atuação, pessoas de diversas áreas atuam nesse cargo, como designers, engenheiros, programadores, artistas, entre outros.

Além de ocupar esses espaços, outras possibilidades para professores-designers no chão-de-escola foram encontradas. A seguir estão exemplos de atuação de designers nas escolas em que lecionei, em instituições que colegas de equipe trabalharam e, ainda, descobertas da pesquisa de campo: professores de artes/desenho; integradores tecnológicos; professor de Design em nível básico e técnico e professor de atividades extra-classe. Acredito, ainda, na existência de outras formas de contribuição dos designers na esfera escolar, pois esta inteligência pode ser aproveitada de diversas maneiras inovadoras na educação.

A formação de professores se dá a partir da licenciatura no curso superior. Seu objetivo é preparar os profissionais para atuação docente na Educação Básica, englobando disciplinas específicas da área de conhecimento e disciplinas pedagógicas. Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 2017), a Licenciatura habilita para o exercício da docência em Educação Básica — da educação infantil ao ensino médio):

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Lei nº 13.415, de 2017)

Essa modalidade, presente em outras áreas do conhecimento, oferece uma formação pedagógica que prepara o profissional para o exercício da docência na educação básica. O professor desenvolve habilidades como planejamento, implementação e avaliação de processos de ensino-aprendizagem. Essa capacitação articula fundamentos teóricos, provenientes das ciências da educação, e práticas pedagógicas supervisionadas, possibilitando



ao futuro docente desenvolver didáticas específicas e uma compreensão crítica do ato de ensinar.

Com a falta dessa modalidade no curso superior de Design, muitos educadores-designers buscam a Complementação Pedagógica para Não-Licenciados de forma que possam legalmente exercer a profissão. A respeito desta Complementação Pedagógica, segundo o Artigo 10 da Resolução CNE/CES nº 2/1997, “O concluinte do programa especial receberá certificado e registro profissional equivalentes à licenciatura plena.” Não obstante, este curso não nasceu fruto da necessidade da Licenciatura em áreas onde apenas o Bacharel é oferecido, e sim como uma medida provisória emergencial para suprir a falta de professores habilitados em determinadas disciplinas e localidades (BRASIL, 1997), que foi adiada várias vezes e indeterminadamente.

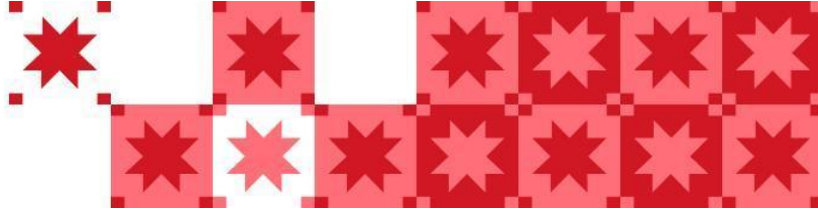
A ausência de uma formação pedagógica adequada pode impactar diretamente nas práticas de ensino-aprendizagem dentro das salas de aula, além de gerar diversos desafios na rotina docente. A falta de programas formativos interdisciplinares entre Design e Educação, leva os professores a elaborarem uma didática própria no ensino, que se baseia em experiências empíricas e referências da prática de seus antigos docentes. Tal lacuna pode repercutir diretamente na qualidade da prática docente, refletindo-se em dificuldades no planejamento das disciplinas, na gestão da aprendizagem e na adequação a diferentes perfis de estudantes.

Diante desse cenário, este artigo apresenta parte de uma pesquisa desenvolvida no mestrado, um estudo de caso que investigou a atuação de designers como docentes no ambiente escolar, destacando a lacuna de capacitação específica para esses profissionais. O objetivo principal foi compreender as implicações da ausência de uma formação pedagógica e propor caminhos para suprir essa carência formativa para estes profissionais. Neste artigo, serão apresentadas as conversas desenvolvidas com os profissionais da área, em busca de entender as suas atuações e as principais dores e desafios desse cenário específico.

2 Procedimentos Metodológicos

Durante a pesquisa desenvolvida na dissertação, diferentes metodologias foram utilizadas, como abordagens metodológicas exploratórias, combinando pesquisa quali-quantitativa com questionários, conversas como metodologia de pesquisa e a realização de uma oficina experimental. Para o presente trabalho, foi realizado um recorte na etapa de conversas com os profissionais da área (designers atuantes em chão-de-escola).

Inicialmente, planejava-se realizar entrevistas estruturadas, porém estas pressupõem um roteiro no qual há o risco da fala do professor seguir por uma nova trajetória. No viés desta pesquisa foi entendido que conversar não é algo enraizado e pré-estruturado e implica na



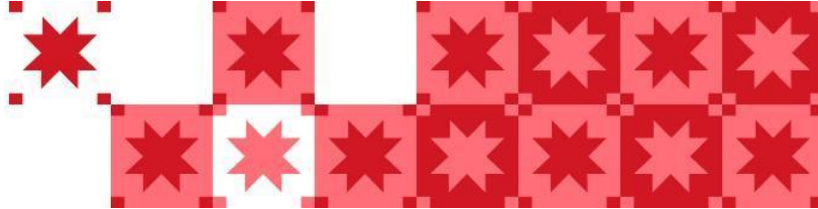
circulação da palavra, por meio do “pensar(-se) com o outro”. Então, inspirada pela Conversa como Metodologia de Pesquisa, definiu-se que essa investigação não tinha objetivos fechados, mas sim interesses, o de pensar e aprender junto, tecendo uma rede de saberes. Por isso, a dinâmica usada foi conversas guiadas por pontos-chave retirados do formulário, buscando uma escuta ativa e de qualidade sobre perspectivas singulares (COSTA et al., 2021).

A partir da escolha da metodologia, para seguir com a pesquisa qualitativa, as questões centrais foram consideradas: com quem conversar, como selecionar os participantes, e a especificação do tópico guia, ou seja, quais seriam as questões centrais da conversa. (BAUER & GASKELL, 2003)

Os conversantes foram selecionados de forma a ter um perfil diverso e múltiplo, explorando um espectro de opiniões (BAUER & GASKELL, 2003). Após realizar uma análise dos professores que deixaram seus contatos na fase anterior da pesquisa, um formulário que buscou quantitativamente desenhar um parâmetro geral do cenário, 3 profissionais foram convidados para as conversas. Os nomes foram alterados, a fim de manter o anonimato e a privacidade dos professores.

Como forma de planejar os tópicos a serem abordados em cada conversa, para ouvir os professores elaborarem as inquietações geradas a partir das respostas do formulário, foram desenvolvidos 3 tópicos guias. Nestes, foram planejadas as perguntas feitas durante a conversa, porém a partir do entendimento de que desvios poderiam ser feitos, se necessário. Dessa forma, o desenvolvimento deste guia foi um apoio para incentivar o desenvolvimento da conversa, não um roteiro a ser seguido.

As conversas ocorreram individualmente, online, entre os meses setembro e outubro de 2024, com um tempo entre 35 a 45 minutos cada. A introdução de todas foi a mesma: após a autorização para realizar a gravação, a pesquisa foi apresentada para o professor, resumindo os passos e o conteúdo, até então. Em seguida, apresentei a dinâmica da conversa, esclarecendo que haviam inquietações geradas pelo formulário respondido por eles mas que, a qualquer momento, poderíamos desenhar novos caminhos de conversa. Esclareci, ainda, que o objetivo era escutá-los e entender a formação deles e seus caminhos profissionais, além de entender as dores e questões ao redor da atuação neste campo em construção. Enfim, pedi que compartilhassem recomendações de possíveis caminhos para o campo profissional e para a formação dos profissionais.



3 Resultados

A partir de professores com formações e experiências em chão-de-escola diferentes, foi possível explorar o espectro de opiniões (BAUER & GASKELL, 2003) referentes à atuação de designers como professores no Ensino Básico.

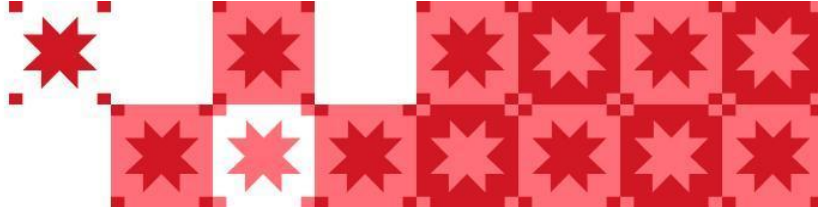
O Professor Joaquim, graduado em Design com foco em Mídias Digitais na PUC-Rio, não teve formação direta em Educação, mas, por meio de iniciação científica e atividades extracurriculares durante a graduação, desenvolveu uma experiência com ensino-aprendizagem. Ele ministrou cursos livres na universidade e atuou em uma escola particular, onde deu aulas de Novas Tecnologias. Apesar do interesse em ensinar e a experiência prévia, ele relatou dificuldades em planejar cursos longos e lidar com o cotidiano escolar, o que o desmotivou a continuar, somado à falta de apoio pedagógico por parte da gestão.

Após finalizar sua experiência em escolas, afirmou que seu interesse pela educação se adequa em universidades ou em cursos técnicos, onde há maior interesse em temas específicos, como mídia arte e tecnologia experimental. O Professor Joaquim vê valor em adicionar disciplinas de educação como optativas na graduação em Design, mas expressa ceticismo quanto a uma Licenciatura completa, considerando que o curso é mais voltado à indústria e carece de ênfase em pesquisa. A percepção gerada é que as dificuldades encontradas por ele são bases teóricas e práticas trabalhadas nos cursos de formação docente. Entretanto, o professor não chegou a conclusão da necessidade dessa formação para a atuação em escolas.

O Professor Tadeu é formado em Desenho Industrial pela UFF, com especialização em Educação com uma pós-graduação. Inicialmente, ao ingressar em escolas atuando em espaços maker, se via apenas como técnico. Mas, aos poucos, passou a entender o papel educacional e formativo de um professor. Atuou como docente em espaços makers e projetos de robótica, aplicando seu conhecimento técnico em um contexto educacional.

A experiência prática ensinou-lhe a importância do desenvolvimento das habilidades dos alunos, superando o foco no produto final. Apesar de ver a Licenciatura em Design como ideal, ele considera que a baixa demanda e a realidade educacional do país não justificam uma formação específica nesse campo atualmente. Dessa forma, ele sugere complementação pedagógica e especializações como alternativas viáveis atualmente. Este professor também apontou dificuldades cotidianas da escola que seriam trabalhadas em um curso de formação docente, como a educação inclusiva.

A Professora Letícia, graduada em Design de Produto e em Pedagogia, traz uma visão holística, vendo o Design como uma “inteligência” que complementa a Pedagogia. Trabalhou em escola pública e privada, com Design Thinking e em espaços makers, e recentemente,



assumiu a coordenação pedagógica em uma escola. Ela acredita que o Design ajuda na resolução de problemas e em abordagens inovadoras no ensino e na sua vida, de forma geral.

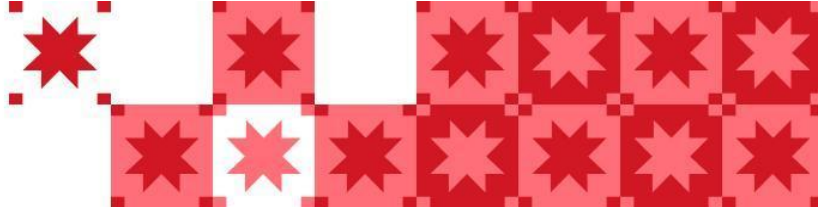
Ao contrário dos outros professores participantes das conversas, ela imediatamente defende a criação de uma Licenciatura em Design. Isso porque percebe o quanto cursar Pedagogia foi relevante na sua atuação como docente e entende essa formação como um caminho para formar designers professores mais preparados para a realidade escolar, pois esse curso lecionaria questões que ela precisou descobrir sozinha pela falta de interdisciplinaridade de suas graduações, como o ensino e a didática do Design. Para ela, a formação em Educação é essencial para designers que desejam atuar em escolas.

Os três professores evidenciam um cenário de descontinuidade entre Design e Educação, onde a formação pedagógica é adquirida muitas vezes por experiência prática. O Professor Joaquim valoriza atividades extracurriculares e optativas como uma solução, enquanto o Professor Tadeu acredita que a Licenciatura seria o ideal, mas não lhe parece viável. Já a Professora Letícia, com uma formação dual, considera a Licenciatura em Design uma via necessária para atender à demanda crescente nas escolas por disciplinas tecnológicas, que desenvolvem habilidades técnicas, trabalham o pensamento projetual e o Design como inteligência.

A seguir, as principais problemáticas e sugestões apontadas ao longo das conversas com os docentes:

Tabela 1: Síntese de problemáticas apontadas pelos conversantes

Categoria	Problemática apontada	Mencionada por
Formação Docente	Falta de menção ao eixo de Design e Educação na graduação em Design.	Professor Joaquim e Professora Letícia
Formação Docente	O curso de Complementação Pedagógica para Não-Licenciados é pouco formativo para professores, tendo uma função burocrática de contratação.	Professor Tadeu
Formação Docente e Ensino	Falta de interdisciplinaridade em uma formação dupla de Design e Educação, sendo necessário o próprio professor desenvolver o ensino do Design.	Professora Letícia
Ensino	Dificuldade em pensar projetos com duração longa (meses).	Professor Joaquim
Ensino	Dificuldade ao planejar uma aula para o tempo proposto pela escola.	Professor Joaquim
Ensino	Dificuldade de reconhecer e implementar dinâmicas simples do cotidiano escolar.	Professor Joaquim
Ensino	Dificuldade em entender o papel formativo de professor, atuando como um técnico no chão-de-escola.	Professor Tadeu e Professora Letícia



Ensino	Dificuldade ao lidar com Educação Inclusiva.	Professor Joaquim e Professor Tadeu
Contratação	Baixa Remuneração.	Professor Joaquim
Contratação	Dificuldades relacionadas a encontrar oportunidades de atuação na educação.	Professor Tadeu e Professora Letícia
Contratação	Desafios burocráticos de contratação sob o título de “professor” pela falta de uma Licenciatura formal.	Professor Tadeu
Gestão escolar	Falta de apoio da gestão escolar em planejamento de aulas e práticas de ensino aprendizagem.	Professor Joaquim

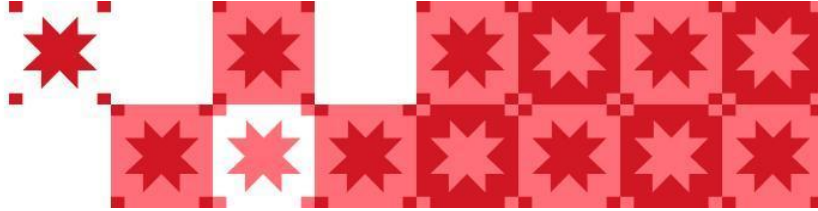
Tabela 2: Síntese de recomendações apontadas pelos conversantes

Categoria	Recomendação apontada	Mencionada por
Formação Docente	Aulas no eixo de Design e Educação com orientação individual, entendendo a necessidade específica dos alunos.	Professor Joaquim
Formação Docente	Realização de estágios docentes antes da atuação em escolas.	Professor Joaquim
Formação Docente	Oferta de eletivas introdutórias da Educação na graduação em Design.	Professor Joaquim e Professor Tadeu
Formação Docente	Oferta de Licenciatura em Design.	Professor Tadeu e Professora Letícia
Formação Docente	Estudos no campo da Educação para designers e no campo do Design para educadores.	Professora Letícia
Formação Docente e Contratação	Realização de uma Formação Pedagógica ou Especialização na Educação.	Professor Tadeu

4 Conclusão

A crescente valorização do movimento maker, o investimento na educação tecnológica e a ênfase na aprendizagem baseada em projetos abriram espaço para a atuação de designers como docentes no chão-de-escola. No entanto, os cursos superiores de Design não oferecem formação pedagógica específica para essa atuação e não contemplam licenciaturas, o que coloca desafios significativos a esses profissionais.

A ausência de uma formação docente específica para designers gera dificuldades na prática pedagógica, especialmente na gestão de sala de aula, planejamento didático e adaptação a diferentes perfis de estudantes. Para suprir essa lacuna, muitos profissionais recorrem a caminhos alternativos, como cursar Pedagogia, uma Licenciatura em outra área, ou buscar



complementações pedagógicas. Porém, tais formações, apesar de potencialmente enriquecedoras, não abordam o ensino do Design em si.

O Design possui um enorme potencial transformador na educação, podendo contribuir significativamente para o desenvolvimento integral dos estudantes. No entanto, para que essa contribuição seja efetiva, é indispensável que os designers sejam preparados adequadamente para atuar como educadores. Assim, será possível consolidar o Design como uma ferramenta pedagógica potente e acessível, promovendo uma educação inovadora e alinhada às demandas contemporâneas.

Referências

- Azevêdo, L. S. (2019). Cultura maker: Uma nova possibilidade no processo de ensino e aprendizagem. Dissertação (Mestrado em inovação em tecnologias educacionais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Bauer, Martin W.; Gaskell, George. (2017). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasil. Conselho Nacional de Educação. Resolução n. 2, de 26 de fevereiro de 1997. (1997). Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional em nível médio. Brasília, DF: CNE.
- Brasil. (2017). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC.
- Costa, Sandy Lima; Oliveira, Wenderson Silva; Farias, Isabel Maria Sabino de. (2021). Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? Teoria e Prática da Educação, v. 24, n. 3, p. 221-225.
- Fontoura, Antônio. (2002). EdaDe: A educação de crianças e jovens através do Design. 2002. 357f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção e Sistemas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.
- Unesco. (2023). A tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem? Relatório de Monitoramento Global. Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por/PDF/386147por.pdf.multi>
Acesso em: 16 mar. 2026.

Sobre as autoras

Luana Mendonça Batista, Dda, PUC-Rio, Brasil <naluabatista@gmail.com>

Bianca Martins, Dr, Esdi/UERJ, Brasil <bmartins@esdi.uerj.br>